



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA- PARFOR  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SELMA LÚCIA DA SILVA SOARES

**MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA**

MUANÁ  
2019

SELMA LÚCIA DA SILVA SOARES

**MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. MSc. Lídia Sarges Lobato.

MUANÁ  
2019

SELMA LÚCIA DA SILVA SOARES

## MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Prof.<sup>a</sup> Lídia Sarges Lobato, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Data da aprovação: 10/08/2019

### BANCA EXAMINADORA

---

Profa. MSc. Lídia Sarges Lobato  
Orientadora – UFPA

---

Profa. MSc. Juliana Azevedo Hamoy  
Examinadora – UFPA

---

Profa. Esp. Angélica Ferreira da Silva  
Examinadora – UFPA

Dedico este memorial aos meus pais Raimundo Farias e Maria Paiva (*In Memoriam*) por todo amor e carinho. Ao meu esposo Mariano Soares pelo incentivo durante a difícil jornada e a minha tia Lindalva, por proporcionar os caminhos na educação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde que me concedeu no decorrer desses quatro anos de estudos, por me guiar verdadeiramente rumo aos meus ideais. A minha família pelo incentivo que estabeleceram para que eu pudesse chegar até aqui, pela instituição Acadêmica, Universidade Federal do Pará (UFPA).

Agradeço pela família, em especial ao meu querido pai Raimundo, a minha mãe in memoriam Leci, aos meus irmãos Sandra, Sônia, Célia, Sayds e Sales, que sempre estiveram presente, me incentivando na incansável luta do dia a dia, e também por acreditarem que seria possível esta conquista.

Ao meu esposo, Mariano Barbosa pelo companheirismo, pois sempre esteve comigo em toda trajetória de estudo, não medindo esforços para estar junto frente aos desafios enfrentados e superados, nesta formação de vida e de docência.

A Instituição UAB; que proporcionou espaço de estudo para minha aprendizagem, me sentindo familiarizada com outros professores que tiveram a oportunidade e aos demais funcionários, agradeço esta oportunidade desta formação superior.

A minha orientadora Lídia Sarges a minha gratidão, por ser fundamental norteadora, por estar sempre disposta a me dar atenção sendo paciente e ao mesmo tempo compreensiva nas orientações.

A todos os professores do curso. Em especial Lídia Sarges, Adelino Ferranti, Larissa de Nazaré, Joyce Ribeiro, Jaqueline Valério, Waldir Abreu, foram importantíssimos em minha vida acadêmica, serão exemplos de instrumentos de aprendizagem na minha trajetória de formação superior.

Agradeço aqueles que me conduziram para a graduação, em especial, a minha tia e professora Maria Lindalva da Silva Santos.

Aos meus amigos e colegas que conquistei, entre eles: Denise, Eli Maria, Aparecida, Marinei, Claudio, Ocivaldo, Marlene, Dorotéia, Miquéias, Samuel, Daniele, Andréa, Edna, Edilene, Marycleice, Luciana, Daniel, Nayza, Rossini, Lívia, Evandro, Priscila, Amarino, Vanusa, Em especial ao professor David que me motivou prosseguir meus estudos como facilitador de aprendizagem nas diversas disciplinas concluídas.

“O conhecimento é, portanto, uma possibilidade de libertação”.

(Bragança, 2012)

## RESUMO

Este trabalho resulta de um memorial, que traz a trajetória de vida em forma de narração. São memórias que significam momentos vividos, que perpassam pela minha infância, pela vida acadêmica até a docência. Como objetivo busquei rememorar a minha história de vida e de professora, com a intenção de reconstruir as narrativas imersas nos acontecimentos e experiências da educação, que contribuíram como professora na escola básica. Ciente disso, o memorial apresenta-se em momentos cruciais numa linha de tempo, onde cientificamente é sustentado por críticos e teóricos que abordam os conceitos de memória, história e formação de professores num foco de leituras e reflexões, como Bragança (2012), António Nóvoa (1992), (1999), Le Goff (1990), Mignot (2003), Bondia (2002) e Candau (2012). Neste memorial utilizei a metodologia história de vida, seguidas das entrevistas de pessoas que certamente, fizeram parte de momentos que se destacaram a minha linha do tempo, podendo contar com o apoio de meu pai, irmã e tia em relatar os fatos ocorridos nesta trajetória de vida. Por fim, chego à conclusão de que acerca dessa maravilhosa viagem ao passado, toda a escrita deste trabalho tem embasamento a uma sequência teórica e significativa.

**Palavras-chave:** História de vida. Memórias. Narrativas. Formação de professores.

## **ABSTRACT**

This work results from a memorial, which brings the life story in the form of narration. These are memories that mean lived moments that run through my childhood, through academic life to teaching. As a goal I tried to remember my life story and teacher, with the intention of reconstructing the narratives immersed in the events and experiences of education, which contributed as a teacher in elementary school. Aware of this, the memorial presents itself at crucial moments in a timeline, where it is scientifically supported by critics and theorists who address the concepts memory, history and teacher education in a focus of readings and reflections, such as Bragança (2012), António Nóvoa. (1992), (1999), Le Goff (1990), Mignot (2003), Bondia (2002) and Candau (2012). In this memorial I used the methodology of life history, followed by interviews of people who certainly were part of moments that stood out in my timeline, and can count on the support of my father, sister and aunt to report the facts that occurred in this path of life. Finally, I come to the conclusion that about this wonderful journey into the past, all the writing in this work is based on a theoretical sequence.

**Keywords:** Life Story. Memoirs. Narratives Teacher training.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01</b> – Minhas memórias .....	21
<b>Figura 02</b> – Canoa à remo .....	23
<b>Figura 03</b> – Escola Doutor Justo Chermont .....	24
<b>Figura 04</b> – Escola Vilhena Alves .....	25
<b>Figura 05</b> – Instituto de Educação do Pará .....	25
<b>Figura 06</b> – Professoras da Escola Nerina de Freitas Guimarães .....	27
<b>Figura 07</b> – Escola São Tomé .....	29
<b>Figura 08</b> – Turma de Pedagogia .....	30

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 ENTRE HISTÓRIA DE VIDA, MEMÓRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES .....</b>	<b>14</b>
2.1 A busca por uma história .....	15
2.2 Memórias aspectos conceituais .....	17
<b>3 ACONTECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS: NARRATIVAS DE VIDA DE UMA PROFESSORA .....</b>	<b>21</b>
3.1 Reinvenções de si: infância e processo de formação .....	22
3.2 Um convite para à docência .....	26
3.2.1 Acontecimentos <i>outros</i> .....	29
3.3 Formação de professores .....	30
<b>4 CONCLUSÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escrita deste memorial, perpassa pelo processo de formação docente de uma professora/aluna do Curso de Pedagogia Parfor/UFGA – Polo Muaná. Como objetivo, busquei rememorar a minha história de vida e de professora, com a intenção de reconstituir as narrativas imersas nos acontecimentos e experiências da educação que constituíram como professora da escola básica.

Para Severino (1997) o memorial é uma retomada articulada e intencionalizada, no qual a trajetória do acadêmico e profissional é documentada, através de informações, muitas vezes derivadas de entrevistas. Porém, é muito mais relevante quando se trata tendo em vista o significado dessa vida. “O memorial, constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva” (SEVERINO, 1997, p. 1).

E logo adiante, que as histórias de vida e a formação de professores e professoras em uma análise teórico e metodológica, possibilita apreciarmos as narrativas, um reencontro com as memórias, utilizando-se do aporte autobiográfico e biográfico das histórias de vida, acompanhado das entrevistas semiestruturadas, além das fotografias que são documentos de análise que ajudam na investigação (BRAGANÇA, 2012).

O método de pesquisa história de vida auxilia o professor a garimpar em suas memórias as experiências e acontecimentos que foram significativos em sua prática, na sua formação profissional e na docência.

Para Bragança (2012) pensar a formação é sinônimo de trazer um humano para o centro da nossa reflexão. Como sujeitos históricos, a partir das relações entre nós, entre o eu e o outro, nos constituímos nessa rede de interdependência, onde o conhecimento é produzido e compartilhado.

“O conhecimento é, portanto, uma possibilidade de libertação. A educação se coloca dessa forma, como prática social tanto em sua vertente institucionalizada como em sua vertente informal” (BRAGANÇA, 2012, p.63). A educação ela acontece em todos os lugares, tanto nas instituições, como a escola, como também em ambientes não escolares.

O problema de investigação que acompanhou este trabalho, situa-se nas extremidades de: Como os caminhos trilhados num tempo passado e presente entrelaçado com a infância contribuíram para a formação docente?

Com o propósito de concretizar este estudo foi elaborado dois objetivos específicos: 1) Refletir sobre história de vida, estabelecendo uma relação entre memória e formação de professores e 2) Interpretar os acontecimentos e experiências que contribuíram e transformaram

a formação, tornando-se em uma professora.

A escolha por essa temática foi pensando em fala da minha história, em conhecer, movida também por uma curiosidade, daquilo que as pessoas pensavam de mim. O memorial servirá como contribuição no campo de pesquisa, para os alunos conhecerem um pouco da história no passado, as crianças futuramente ao mesmo tempo poderão conhecer, podendo até fazer uma comparação entre o passado e o presente.

A escrita deste memorial também se justifica, pela realidade sócio cultural de minha cidade, Muaná. Pois todos os anos temos os desfiles das escolas para comemorarmos e celebramos a independência do município, e antes de selecionarmos os temas, é feita uma pesquisa prévia, com a intenção escolher os melhores temas que serão homenageados.

Os desfiles escolares buscam na grande maioria, assim a origem do passado, para demonstrar na redação do desfile escolar, e aí esses temas são apresentados dentro da escola, e depois, nas ruas, para o público prestigiar.

“E a minha história, um dia poderia ser escolhida, homenageada” (Selma, maio de 2019).

Falar de minha história, sinto-me emocionada, uma mistura de emoções, é uma tristeza e alegria ao mesmo tempo, com muitas lutas e superações, porém, é muito gratificante tudo isso. E acredito que a cidade de Muaná, a sociedade em si, só tem a ganhar com um trabalho, que se configura à um exemplo de pesquisa, e também um guia para muitas pessoas que estão na caminhada da vida acadêmica.

[...] as leituras que fiz hoje – pequenos textos, então, pude percorrer vários – possibilitaram-me encontrar narrativas de diferentes naturezas, vindas também de diferentes focos de investigação, mas que como narrativas me tocaram, me fizeram chorar me levaram ao encontro de minhas próprias histórias [...] (BRAGANÇA, 2012, p. 69).

Os textos falam das trajetórias de vida da gente e nos vemos nos textos, do ensino, da formação, se identifica com um deles. A leitura, faz a pessoa refletir as experiências vividas, de trabalho. A lembrança é afirmação de que o trabalho continua ainda na escola. Porém, há certos acontecimentos que ficam guardados, alguns que se escreve, publica, mas tem outros, que ficam a sombra, aqueles não ditos, pois, causam dor, sofrimentos e tristezas.

As história de vida, são narrativas contadas por mim mesma, de vivências, desafios, lutas no decorrer da infância à vida adulta. Neste sentido, o presente texto está organizado em duas seções: primeiramente, reservo um espaço para refletir e dialogar sobre história de vida,

memória e formação de professores e no segundo momento registro a minha própria história, recordando com saudade do passado, das experiências vividas e sentidas, que vão da infância à docência.

## 2 ENTRE HISTÓRIA DE VIDA, MEMÓRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação de professores passou por diversas transformações no campo educacional, de forma marcante, como afirma Bragança (2012, p. 60) “[...] um conjunto de pesquisas, que se intensifica nos anos, 1980, passa olhar o/a professor/a como autor/a gestor/a e das práticas educativas e, portanto, como produtor/a de saberes pedagógicos e de uma identidade docente”.

Quanto a isso Bragança situa Nóvoa (1992) para dizer a respeito de três olhares distintos dirigidos aos professores que correspondem as seguintes décadas; em 1960 os professores foram ignorados em seu potencial e autonomia, onde temos à docência comparada a doação pessoal, já em 1970, os mesmos foram acusados de contribuir com a reprodução, período em que presenciamos a tendência tecnicista, todavia na década de 1980 os professores foram controlados pelos processos de avaliação. No entanto, nesta mesma década ocorreu na história da educação a publicação do livro chamado o professor é uma pessoa de Ada Abraham, uma obra que destacou um marco de viragem destacando:

[...] a intensidade da produção acadêmica que se seguiu focalizando a vida dos professores, os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes a ênfase no desenvolvimento dos professores, uma produção que teve o mérito de “recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação” (BRAGANÇA, 2012, p. 61).

Então, esta obra contribuiu com trabalhos no campo da pesquisa em educação e principalmente com a formação de professores, produções em território trazendo à tona uma nova imagem de ser professor como bem cita Ada ‘o professor é uma pessoa’ e suas histórias de vida, suas memórias da docência são relevantes.

Já “as populações brasileiras nos anos de 1990 contribuíram um crescente movimento de olhar para o/a professor/a sua formação, o qual se revelou, mas muitas publicações e reuniões científicas que trouxeram a centralidade dessa temática”, Bragança (2012, p.62). Todas essas transformações envolvido na construção do saber, transformou o professor em um sujeito da construção do conhecimento.

Conforme Bragança (2012, p. 62):

A formação deixou de ser tratada como processo restrito aos espaços acadêmicos e passou a ser visto como um contínuo que tem o início muito antes da entrada da escola se prolonga a vida do educador, passou a ser encarada como um conceito amplo ligado à produção da vida do professor da instituição escolar e da sociedade como um todo.

A formação do ser humano, se inicia bem antes da escola, na família que é a primeira

instância do saber, dos conhecimentos, da moral, que depois se amplia para a escola como instituição, as igrejas e a sociedade o que ilustra aquilo que a autora chama de formação contínua que se estende por toda a vida.

[...] afirmamos, no entanto que a intensidade das experiências que se tornam significativas e formativas é necessariamente coletiva. Elas vêm de um investimento social, no caso do processo escolar, ou das tramas dos encontros e desencontros que temos com os outros e com o meio, ao longo da vida (NÓVOA 1990, p.66).

Nesse sentido, o sujeito passa a expressa diante de sua fala e escrita as suas próprias experiências vividas, transformando-as significativamente para o seu reconhecimento. As experiências de formação fazem sentido, desenvolvem habilidades tanto na teoria quanto na prática, que é resultado de um investimento que vem ao longo de toda uma vida. E a formação acontece no dia a dia com as pessoas, na casa, na escola, nas igrejas, elas se tornam saberes, não individuais e sim coletivos, que são formações contínuas por toda a nossa vida.

A construção do saber no cotidiano da escola, o professor como agente do ato pedagógico, sujeito que constrói conhecimento [...]. Emergiu, assim, uma análise que procurava recuperar a subjetividade aos processos formativos; subjetividade como possibilidade de considerar que a produção dos saberes pedagógicos não tem um lócus específico e privilegiado nas universidades centro de pesquisa, mas constitui um processo múltiplo, incluindo a voz dos/ as professores/as, como sujeito individuais e coletivos (BRAGANÇA, 2012, p. 62).

A autora fala dessa construção do saber que é contínuo, como por exemplo o professor constrói conhecimento na sala de aula. A todo tempo estamos construindo conhecimentos, aprendendo, pois, a busca pela formação é *continuum*, o que gera uma diversidade de saberes, lembrando que não tem um lugar específico, pode ser ambiente formal ou não formal.

Bragança (2012, p. 63) faz uma comparação da formação a uma tessitura de uma colcha, trazendo a formação para o centro das reflexões, pois, “como sujeitos históricos, construímos a partir das relações que estabelecem com nós mesmos, com o meio e os outros homens e mulheres, e a assim, nessa rede de interdependência, que o conhecimento é produzido e partilhado”.

## **2.1 A busca por uma história**

A história é uma narrativa de um conto que é a própria vida da pessoa. Tanto um conto quanto uma narrativa estão ligados ao conhecimento que é singular, que é muito particular chegando a ser individual.

Le Goff (1990, p. 21) aborda a história, ao filósofo Ricoeur, para dizer que:

A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado [...] A história é na verdade o reino do inexato. Esta descoberta não é inútil; justifica o historiador. Justifica todas as suas incertezas. O método histórico só pode ser um método inexato... A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tomar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica.

Na verdade, a história é um reino inexato, o que não significa que é inútil, mas ajuda o indivíduo a reviver, a reconstruir sua história. A mesma, se assemelha a aquilo que o consciente lembra, pois, a gente só tenta falar um pouco, quando nos encontramos com pessoas que estiveram presente no passado, assim, os fatos vão se tornando histórias, e nesse processo de construção e reconstrução, a memória assume um papel significativo. Le Goff (1990) assemelha a história a um romance, feita de intrigas, valorizando aquele que constrói.

De acordo com Mignot (2003) a história da educação em si, permite que o indivíduo possa olhar para o passado e presente, e examinar a cultura escolar, a percepção que os professores tinham de si mesmos, a alfabetização, a profissionalização docente, dentre outros exemplos.

Revivemos por meio da escrita um tempo desaparecido, em algumas vezes até esquecidos. A escrita se torna um documento que relembra as histórias do passado, para serem ouvidas e repassadas no presente às gerações futuras. “Quando se deixa dominar pelas lembranças escolares, sua escrita se detém nos sentimentos de contrariedade motivados pela separação da família” Mignot (2003, p. 141). Corremos o risco de lembrar de coisas boas e desagradáveis, eu mesma me sentir triste ao lembrar dos acontecimentos que vivi, durante o período escolar.

Segundo Mignot (2003) a escrita das autobiografias e biografias das professoras cumpre a tarefa de testemunhar o exercício da nobre missão de educar, torna-se uma revelação da profissão, desenvolvendo um conhecimento de si mesmo, do seu interior, com a possibilidade de ressignificar a experiência docente, conferindo sentido a experiência. Para Bondia (2002, p. 25) “a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” é assim, algo único, uma sensação, um sentimento de experimentar sem outro igual, aquilo que nos toca que nos acontece. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p. 21).

Retorno à Bragança (2012) para aludir as ideias de Mignot no que tange a profissão de professores, para a autora o professor deve apresentar características psicológicas que de

alguma forma indique o autodomínio, o controle emocional e a maturidade intelectual. Por essas palavras inferimos que, ao aceitar a proposta de trabalhar como professor temos a missão de construir a nossa vivência a cada momento, realizados com o outro cuja conversação e troca de experiências são os principais pilares da construção do eu, sujeito da história.

Pois, é por meio dela que ativamos a nossa memória vivida em busca de efetivarmos as nossas experiências, ressignificando-as no uso coletivo até individualmente. Cobrar autodomínio de si mesmo, além das tarefas a serem realizadas, ou seja, o professor precisa ter perfil de sujeito que seja capaz de compreender os diferentes universos pensantes, para ajudá-los a refletir suas próprias ações e reflexões dos alunos.

Neste sentido, as narrativas de vida colocam-se como possibilidade “de produção de imagem e fazeres instituintes, fazeres que recuperem antigos sonhos de justiça, que questionem práticas instituídas, buscando formas instigantes de estar na profissão” Bragança (2003.p.1 apud, Bragança 2012, p.90).

No que se refere a produção das nossas imagens a mesma dá ênfase à narrativa como elo entre a produção das imagens e o trabalho na busca dos sonhos anteriores, relacionados ao incentivo a profissão de professor. No entanto, é na produção e no registro das ideias, que expomos os nossos ideais.

Assim, temos a oportunidade de trazer à tona nossas memórias através da narração e experiências vividas, buscando ressignificar nossas práticas no chão da escola, ou seja, observamos nossas produções resultantes dos momentos vivenciados, o institucional, o social e o chão da escola.

Bragança (2012) esclarece que a história de vida e suas narrativas, vem como um movimento propriamente humano, em sentir a necessidade de contar sua própria história e de ressignificar as experiências do passado que se transformam em desdobramentos futuros. E no que tange a formação de professores, “ao narrar o passado, vemos surgir uma versão sobre nós mesmos, os encontros e desencontros com a profissão e, ainda, as imagens da docência estranhadas no imaginário coletivo e individual” (BRAGANÇA, 2012, p. 93).

## **2.2 Memórias aspetos conceituais**

O termo memória nos leva a refletir diferentes caminhos para traçar a sua conceituação, entretanto, a memória surge a partir de um conjunto de personalidade de um determinado indivíduo, um suposto Eu. Nesse sentido, são atribuído a ela, as sensações de duração para toda uma vida ou a perda, esquecimentos, como também aquelas que nos fazem chorar e as que nos

fazem sorrir.

Entendo, que falar de memória é recordar de algo, de coisas, de acontecimentos do passado, ou seja, de coisas boas e ruins, do qual o ser humano guarda dentro de si. Também, posso dizer, que a memória é o armazenamento de informações e fatos obtidos através das experiências ouvidas e vividas. Neste sentido, podemos dizer que a memória é definida como capacidade de lembrarmos de detalhes, algo que foi vivido e lido.

Noutros termos, Candau (2012, p. 61) fala de uma “faculdade multidimensional implica componentes conscientes (consciência perceptiva, epistêmica, mnemônica) e inconsciente, representacionais e motivacionais. É um “sistema tensional que implica as intenções, os valores [...] logo as motivações, uma afetividade”” (Grifos do autor). As memórias fazem parte do ser humano continuamente, orientando seu modo de vida, logo, através da memória conseguimos compreender o mundo e a realidade que estamos inseridos.

Para contar as histórias de vida, precisamos de nossas memórias, porém existem acontecimentos que lembramos e outros que esquecemos. Candau (2012, p. 63) é enfático nesse aspecto, “as falhas de memória, os esquecimentos e as lembranças carregadas de emoções são sempre vinculadas a uma consciência que age no presente. Por que a memória organiza “os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro””. Por isso, conservar as memórias é importante, pois, com ela lembramos e rememoramos fatos que nos emocionam até hoje em dia.

A memória é individual e coletiva, no entanto indissociável da humanidade, da cultura, do social, da política, dando sentido aos acontecimentos e experiências, reconstruindo e recordando um passado, dentro do presente.

Produzindo esse passado composto e recomposto, o trabalho complexo da memória autobiográfica objetiva construir um mundo relativamente estável, verossímil e previsível, no qual os desejos e projetos de vida adquiram sentidos e sucessão de episódios biográficos perde seu caráter aleatório e desordenado para se integrar em um *continuum* a mais lógico possível (CANDAUI, 2012, p. 73).

O autor aborda com suas palavras o que venho desenvolvendo neste trabalho, com as narrativas, tentando contar minha história, que vai da origem, lá na infância, nas raízes a um suposto ponto de chegada a minha formação docente. Para ele, a memória nunca é uma reprodução pura do acontecimento, mais é sempre uma construção, uma versão de si, o que leva em consideração o tempo, mais um tempo que não segue uma linearidade, e sim os acontecimentos do passado carregados de afetividade.

Nessa perspectiva Bragança (2012) acentua a localização da pesquisa-formação. Percebo, que esta compreende a investigação ou questionamentos pertinentes ao objetivo da pesquisa. Dessa forma a pesquisa, torna-se um aprendizado, pela narração dos fatos e seus registros que constituem as histórias de vida.

Entendo por essas proposições que há uma estrita relação entre a pesquisa das histórias de vida e a formação do sujeito em constante modificações, pois se por um lado a pesquisa se apresenta como método, por outro ela se materializa nos processos de formação. Assim, posso inferir que ciência da educação pauta-se nesses dois caminhos para a organização da pesquisa científica no campo educacional, tendo em foco os registros do objeto pesquisado pelo indivíduo que narra sua própria história.

A respeito das mudanças e reformulações no campo da educação, António Nóvoa, traz para o centro das reflexões a formação de professores, e a tarefa de construirmos lógicas de formação que valorizam cada vez mais as experiências como aluno, professores principiante, como professor titular, até mesmo como professor reformado. “E encontrar processos que valorizem a sistematização dos saberes próprios, a capacidade para transformar a experiência em conhecimento e a formalização de um saber profissional de referência” (NÓVOA, 1999, p. 18).

Para Bragança (2012) logo, a educação se coloca também como prática social, tanto em sua vertente institucionalizada como em sua vertente informal, em ambiente não escolares. Enquanto isso, a formação configura-se a um processo interior que ligado a experiência pessoal de cada indivíduo que se permita transformar pelo conhecimento. Todos os espaços e tempos da vida são de formação, de transformação humana.

Assim como as autobiografias e biografias movidas pelas memórias, valorizando as histórias de vida, as práticas de escrita e colectiva, os estímulos para mais atitude de investigação, devem fazer parte de uma concepção abrangente de formação de professores, Nóvoa (1999).

Partindo desse princípio que Nóvoa considera a relevância do campo educacional para as histórias de vida, haja vista, que os relatos tomam aspecto de vida. Pois ao registrar as memórias investigadas, o narrador traz ao leitor sentimentos adormecidos no universo do pensamento humano, são fatos vividos que caracterizam uma determinada época, por isso são eles que vão construindo a narrativa por meio dos campos de formação e da investigação. Assim, as histórias de vida dos professores, movimentam os encontros e desencontros da profissão.

“Na formação de professores, esse ressignificar assume um caráter emancipatório, articulando dimensões ontológicas, pedagógica e políticas, ou seja, um caráter instituinte de formas pessoais, profissionais e sociais de estar no mundo e com as pessoas” (Bragança, 2012, p. 89). Desta forma, nós profissionais da educação temos a missão de ensinar e educar, o que não é uma tarefa fácil, essa profissão exige muito esforço, dedicação, amor pelo que faz, pois a cada dia na educação básica é uma descoberta para o professor.

Ao pensar e ensinar, primeiramente, devemos levar em consideração a formação rumo a uma pedagogia, nela saberá articular as suas habilidades e competências mediante os anos ministrados, e estudando a didática se aprende a lidar com o ser humano.

Muitos não passam por esta formação e acabam prejudicando o alunado, por não saber que caminho trilhar, por isso a formação é importante para que o professor possa fazer as trocas de experiências, com visão de teoria inserida na prática.

### 3 ACONTECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS: NARRATIVAS DE VIDA DE UMA PROFESSORA

**Figura 01** – Minhas memórias



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019.

Gostaria de contar um pouco da trajetória de vida de minha irmã, professora Selma Lúcia, filha de Raimundo Farias da Silva e Maria Paiva Brabo da Silva (falecida) tem três irmãs Sandra, Sônia, Célia e dois irmãos Sayds e Sales, nasceu no dia 27 de agosto de 1968 no rio Atatazinho município de Muaná, vivemos juntas na adolescência e na juventude até o dia de seu casamento 05 de fevereiro de 1994. Depois nos distanciamos fisicamente pelo fato de eu seguir a vida religiosa, mas continuamos sempre unidas, por isso quero manifestar minha gratidão na minha infância. Foi exemplo de vida, apoio, companheira e amiga (Célia, abril de 2019).

Não poderia narrar a minha história de vida, sem passar pela família. Venho de uma família religiosa, meus pais eram de religião católica, participavam ativamente dos encontros

catequéticos, para assim exercerem funções determinadas nas comunidades ribeirinhas. Na verdade, eu estava sempre junto ouvindo e aprendendo a conviver dentro de um regime de igreja, onde havia reuniões, celebrações e festividades.

No trabalho, meu pai desempenhava a função de carpinteiro, o mesmo construía casas de madeiras, embarcações de todos os tipos e tamanhos, seu trabalho era artesanal, onde ficávamos com minha mãe a semana inteira. Com isso, vendíamos o açaí para suprir as necessidades da casa, enquanto nosso pai não se encontrava.

Além disso, vivíamos da lavoura, plantação de cana de açúcar, arroz, milho, mandioca, entre outros. Mas a colheita principal era de mandioca, que ficava em um sítio denominado centro, situado as margens do Rio Atatimirim, local destinado a casa de farinha, e toda a semana era feito o trabalho na roça, para preparar mandioca, até o produto tornar-se comestível, e eu trabalhava junto deles quando chegava da escola.

### **3.1 Reinvenções de si: infância e processo de formação**

Aos 7 anos de idade iniciei o processo de escolarização na Escola Santo Elias localizada as margens do Atatazinho, na cidade de Muaná. A escola era ministrada por minha tia Maria Benedita Brabo da Silva hoje falecida, a mesma desenvolvia sua prática docente com turmas multisseriado equivalente a 45 alunos matriculados.

Nesse período entre os 7 aos 13 anos, saía de casa para a escola na companhia de meus irmãos, chamados Sandra Maria, Sônia, Célia, Sayds e Sales, viajávamos a remo, de canoa para estudar na Escola Santo Elias que ficava aproximadamente uns 15 minutos de minha residência. Bem como representada na imagem abaixo, uma vida simples, com característica do universo ribeirinho, atravessada pelas águas.

**Figura 02** – Canoa à remo



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019.

Selma era uma aluna muito prestativa, gastava mais ou menos quase o que uns 15 a 20 minutos de remo de manhã, era sombra de 11 horas, sol quente [gargalhadas], com fome [gargalhadas] e ela retornava sorrindo (Tio Adejalma, abril, 2019).

Naquele tempo, antes de ir para a escola, tínhamos que apanhar o açaí, afim de deixar na certeza de que o mesmo estivesse pronto (Selma, abril, 2019).

O tempo passou no convívio de meus pais restou-me a necessidade de deixá-los para continuar meus estudos em Belém do Pará aos 14 anos. São memória marcadas por muitos desafios, pois:

Foi muito triste viver sem presença deles (Selma, abril 2019).

O meu medo era não ter conhecido e de estar articulando de um lugar para outro, e sim a falta que sentia deles, da minha família. Mas meus pensamentos pouco a pouco foram mudando, e passei conviver com meus padrinhos de batismo os quais me acolheram como uma filha, o casal hoje falecido na aquela época se chamavam José Deodoro e Maria Santa Cruz Brabo. Porém, o que me entristecia era ver meu padrinho chegar em casa embriagado, o mesmo se transformava em uma pessoa agressiva com a esposa e com os filhos, estas são memórias tristes.

Contudo meu objetivo era estudar, ingressei no 5º ano do Ensino Fundamental na escola municipal de ensino fundamental Dr. Justo Chermont na avenida Pedro Miranda, Bairro da Pedreira, nesta escola permaneci estudando até o 7º ano, representada pela fotografia que se segue.

**Figura 03** – Escola Doutor Justo Chermont.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=Escola+Dr.+Justo+Chermont>.

Novamente sair da companhia de meus padrinhos aos 18 anos de idade, para trabalhar como diarista em casa de família, com a tarefa diária de prestar serviço a um casal que tinha duas crianças em idade de ensino infantil.

Na casa desta família executei diversas funções, de babá das crianças, cozinhar, lavar, passar e fazer a limpeza da casa, não foi fácil a jornada de trabalho, tinha que acordar cedo e desempenhar tarefas que não tinha habilidade, os meses se passavam eu ali querendo, mas uma vez concluir o ensino fundamental no turno da noite. Neste caso minha opção destinava-se em opinar pelo estudo na condição de trabalhar ao dia e estudar a noite cursando o 8º ano na escola municipal de ensino fundamental Vilhena Alves onde concluí a série.

**Figura 04** – Escola Vilhena Alves



Fonte: <https://www.google.com/search?q=Escola+Vilhena+Alves>

Durante dois anos de experiência como diarista, pensei em não parar de estudar e mostrar para as pessoas que prestava serviço a necessidade de um dia receber um salário, pois a mesma não me valorizava como trabalhadora, apenas me gratificava com presentes e quantias mínimas em dinheiro (Selma, abril, 2019).

Pelo conhecimento da patroa a quem prestava serviço, com a direção da escola fui matriculada afim de cursar o Ensino Médio no Instituto de Educação do Pará –IEP.

**Figura 05** – Instituto de Educação do Pará



Fonte: <https://www.google.com/search?q=Instituto+de+Educação+do+Pará>

Nesta instituição de ensino cursei o 1º ano do ensino Médio, com muitas dificuldades do cotidiano, fatores esses que me levaram a reprovação. Voltei para o convívio de meus pais, pois já não suportava mais ficar no emprego ganhando uma gratificação do trabalho prestado, minha intenção era trabalhar em troca de um salário e esses direitos eu não usufruía.

A Selma sofreu muito, em troca de nossa condição financeira (Pai de Selma, abril de 2019).

Depois, já na minha terra, continuei meus estudos em São Miguel do Pracuúba.

Selma estava concluindo seus estudos e tinha pressa para voltar, para nossa casa em Muaná, pois, estava surgindo uma oportunidade de trabalho como professora na vaga de nossa tia Maria Lindalva. Selma abraçou com muito amor esta oportunidade de trabalho educacional (Célia, abril de 2019).

### **3.2 Um convite para a docência**

Selma Lúcia, ingressou no serviço público estadual no ano de 1990, para exercer a função de professora na escola Estadual do Ensino Fundamental Miguel Ferreira, localizada no Rio Tejucaquara, município de Muaná, trabalhou como professora nessa escola até o ano de 1996, onde o regime do ensino era multisseriado (Secretária Cleuza, abril, 2019).

Na oportunidade a pedido de um convite, ao trabalho pela educação, minha tia Maria Lindalva na função de professora na época aguardava o período de afastamento por tempo de aposentadoria no ano de 1989, pelos serviços prestados à prefeitura de Muaná, junto a Escola Estadual de 1º Grau Miguel Ferreira.

Estivemos juntas ali, eu já estava aposentada, dei a minha cadeira para você. Você assumiu apesar de ser muito jovem com reponsabilidade, com sacrifício, com luta, devidamente a distância pela falta de transporte e muitas vezes, você chegava a remo, outras vezes chegava num barquinho muito humilde, correndo pouco, mas com tudo isso você assumiu a responsabilidade ali com aquelas crianças estudantes Tejucaquara (Professora Lindalva, abril, 2019).

Pela necessidade de emprego aos 20 anos de idade aceitei o convite para ser professora, como naquele tempo não havia ensino de 5ª a 8ª série no município, exerci a função de professora com ajuda e conselhos de minha tia, aprendi as técnicas, para assim desenvolver os planos de aula e executar durante o ano letivo. Aos poucos foi me atualizando e me adaptando com trabalho escolar.

Ao mesmo tempo, por um lado estudava no Distrito de São Miguel do Pracuúba sob o Sistema Modular de Ensino (some) o 1º do Ensino Médio e por outro trabalhava na escola dando aula. O tempo passou e a escola Miguel Ferreira foi desativada passando a funcionar em outro local na responsabilidade de outras lideranças.

Com a mudança da municipalização, passei a trabalhar na escola Santo Elias, onde essa era administrada pela professora Sônia Maria, eu e minha irmã trabalhamos juntas na mesma escola por dois anos. Éramos 7 professoras moradoras na mesma localidade, optamos por uma iniciativa de melhorar o ensino por uma escola reunida com o apoio da prefeitura de Muaná surgiu a escola São Tomé, pelo motivo de ser a mais antiga nesta escola, prestei serviço a educação com alunos de 1ª série por um período de 4 anos.

Como era temporária fui indicada pela secretaria de educação de Muaná para trabalhar na escola Said Rauda Calife –Titular em 2002, tendo como diretora e professora, á senhora Dorotéia de Nazaré responsável pela escola. Prestei serviço das atividades escolares por 6 meses com a classe de 1ª série no rio Atatá, finalizando o ano letivo.

Realizei minha participação no concurso público em 2003, classificando-me para trabalhar na Educação Infantil na escola Municipal Nerina de Freitas Guimarães, no Distrito de São Miguel do Pracuúba, como representada na fotografia abaixo, hoje ela se destaca como Paróquia de São Miguel.

**Figura 06** – Professoras da Escola Nerina de Freitas Guimarães



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2003.

Vale ressaltar que em 2003 passei a ser vista como funcionária efetiva no município, sabendo que as experiências ministradas nas escolas se tornaram uma vocação e amor pela profissão. A fotografia acima me faz lembrar do desfile escolar, do uniforme azul e branco, das memórias de um tempo de boas recordações, que vivi como professora.

Como professora efetiva passei a conhecer e desenvolver a prática no ensino na Pré-escola, onde ministrei atividades voltadas ao ensino infantil com alunos de 5 anos referente a classe de Jardim II. Assim, estive presente durante 7 anos com uma carga horária de 100 horas nesta Instituição de ensino infantil, na gestão administradora da Sra. Izéte Rodrigues, diante dos desafios políticos desenvolvi a experiência da coordenação da escola em 6 meses.

Aproveito este espaço para rememorar as práticas pedagógicas desenvolvidas durante estes anos na educação. Na verdade, minha trajetória escolar foi baseada no sistema de ensino tradicional aprendido e aplicado nas séries da alfabetização a 4ª série. Todas as manhãs ministrava aulas com atividades escolares escrita nos cadernos e a famosa cartilha do ABC, naquele tempo era a ferramenta indicada para alunos iniciantes e para os de 1ª a 4ª série. Escrevia na lusa de madeira o conteúdo das aulas por séries utilizando o próprio livro didático para cópias de textos, a leitura era feita por alunos na mesa do professor e nos finais de semana utilizava a tabuada para ensinar matemática, para no dia seguinte responder a casa indicada.

Agora no ensino infantil, utilizo a música como um dos recursos didáticos, que tem como objetivo desenvolver no aluno habilidades de aprendizagem, tanto na escrita, quanto na leitura. De 1º ao 3º ano procuro trabalhar textos fatiados em letras de bastão, para assim facilitar a compreensão da leitura. Muitos dos recursos didáticos como o ditado ainda são ferramentas que ainda dão suporte no ouvir refletir e fazer.

Hoje, compreendo que ser professora é uma profissão que demanda esforço e dedicação, além de um compromisso e comprometimento com a educação, por isso nosso objetivo maior é ensinar, compreendendo que o caminho para isso é muito mais complexo, ou seja, exige do sujeito mais do que seu desenvolvimento cognitivo e suas habilidades, e sim uma atuação afetiva com os alunos.

Portanto, como professora compartilhei conhecimentos, na medida em que propaguei informações ao contribuir com o crescimento do outro, sugeri caminhos, andei de mãos dadas, tudo isso me fez construir vínculo de amizade, respeito, que ajudaram-me a compreender o outro com amor.

Com anos experiências na sala de aula, ousou em dizer que todos os professores e professoras deveriam se orgulhar de suas histórias de vida, de docência, dos seus alunos. Principalmente, respeitando o tempo de cada um, compreendendo que o desenvolvimento é

sempre contínuo de conquistas, perdas e frustrações. Mediante de tudo isso, os professores e as professoras devem manter-se firmes diante das dificuldades, tornando-se apaixonado pela profissão, orgulhando-se de sua dedicação, uma doação de tempo, de vida pela educação.

Ser professora é sinônimo de dedicação pelo trabalho, persistência nos desafios do dia a dia, construindo lado de amizades, entrando no universo dos alunos, sentir-se amados por eles.

### 3.2.1 Acontecimentos *outros*

Surgiram acontecimentos *outros* na minha trajetória de vida e acompanhado por novos desafios a serem enfrentados ao longo do caminho. Um dia conversando com minha tia Lindalva, pensava em retornar para São Tomé e junto aos professores fazer a diferença pela educação.

**Figura 07** – Escola São Tomé



**Fonte:** Acervo pessoal da autora 2019.

No embalo, voltei à São Tomé para assumir a turma de 1º ano, uma carga horária de 200 horas, acompanhando o desenvolvimento da turma mediante a formação destinada ao PINAC (Plano Nacional da Idade Certa) a experiência me proporcionou diante do plano uma prática positiva, onde me tornava cada vez mais um mero facilitador das práticas aplicadas mediante o tempo de trabalho em sala de aula permaneço até os dias atuais, ministrando minhas aulas no

turno da manhã com a educação infantil e no turno da tarde de 6º ao 9º ano, as disciplinas ministradas são de Língua Portuguesa, Arte, Estudos Amazônicos e Ensino Religioso.

Estou nesta escola representada acima, a mesma está localizada às margens do rio Fronteira município de Muaná, permaneço nesta instituição na função de professora efetiva da escola base a 11 anos prestando serviço.

### 3.3 Formação de professores

[...] sinto-me feliz de acompanhar mesmo de longe seu empenho em concluir esta etapa da educação na faculdade, quero parabenizá-la como lutadora forte na fé capaz de vencer e superar com amor as dificuldades do cotidiano (Célia, abril de 2019).

**Figura 08** – Turma de pedagogia



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2018.

Iniciei o curso de Licenciatura em Pedagogia no ano de 2016, me sinto privilegiada em cursar o ensino superior como já exercia a função de professora, fui contemplada pela secretaria do município (SEMEC), onde me trouxe a oportunidade de ingressar nesta unidade Pública. Sinto-me feliz, realizando um sonho onde muitos de nossos professores não tiveram a oportunidade que eu tive.

A experiência do Parfor foi algo que me levou a refletir diante das práticas de trabalho na escola básica, trazendo assim, uma transformação de conhecimento, aonde as disciplinas

deixaram marcas de descobertas em meio aos estudos aplicados e vivenciados em sala de aula. Tornando-se como fator de inovação, de práticas escolares, do ensino infantil ao nono ano.

Das muitas teorias, me identifiquei com a de Paulo Freire, seus métodos ensinam o professor alfabetizar o aluno com perfeição e qualidade permitindo ao educando evoluir de uma consciência ingênua a uma visão crítica de conhecimento, que dê a ele condição de libertar-se da opressão. Percebo que o método deste autor me incentivou a ensinar melhor, a educar, quando alfabetizo estou demonstrando valores sociais e princípios éticos.

Sou professora a 24 anos, e sempre ouvi falar sobre teoria e prática, confesso que não entendia com clareza o significado, pois a maior e mais completa formação foi aprender no Parfor metodologias inovadoras de um novo jeito de ensinar. Como professora, vivenciei situações que me levaram a me preocupar muito mais com a aprendizagem, formar o aluno em sala de aula é ter suporte teórico para o diálogo com os alunos... (Selma Lúcia 2019).

No Parfor pude aprimorar minha prática diante dos avanços dos estudos, mencionados as disciplinas construídas, visto que o programa possibilitou conhecer professores que construíram comigo um vínculo de amizade, trazendo assim um aprendizado na convivência, no ensino e no compartilhamento da amizade, me tornando-a como família.

Neste contexto, os desafios foram fatores que aos poucos foram superados com persistência, e a medida do tempo nossos encontros acadêmicos transformaram-se em momentos de estudos, reflexões e de sorrisos. Os risos e gargalhas, foram parte significativa para minha alegria, com direito as piadas e histórias, como descontração de sentimentos tristes. Isto leva-me a pensar que os bons momentos que passei, cada vez mais me fortaleceu, para que pudesse chegar a até onde cheguei.

A formação é essencial neste debate. De acordo com Nóvoa (1992, p. 12) “a formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma “nova” profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professor e de uma cultura organizacional no seio da escola”.

A formação desperta os conhecimentos e ensinamentos dos professores, atualizando suas práticas no chão da escola, ou seja, na formação docente ocorre uma transformação do pensamento sobre as próprias experiências pedagógicas num processo de reflexão do próprio fazer, isto é, ocorre a ressignificação da ação, do ato de educar.

Assim, Bragança (2012, p. 89) afirma que “a reflexão é uma travessia fundamental para as histórias de vida no campo da formação, é um olhar para dentro, um revisitar da vida em suas múltiplas relações, tanto para análise dos percursos pessoais como profissionais”.

Nóvoa (1992) deixa claro que a formação não se constrói por acumulação de diversos cursos e técnicas, mais principalmente através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas, e de re/construção permanente de uma identidade pessoal, investindo na pessoa e ao saber da experiência.

Bondía (2002) nos diz que “o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”. Pois, o conhecimento é comum a todos, mas a experiência é para cada um única, singular e de alguma forma é impossível de ser repetida, Bondía (2002), ou seja, a experiência nos faz de alguma forma especiais, singular dos demais, e rememorar meu passado, levando em consideração a formação contínua é extraordinário, inexplicável, principalmente quando olhamos para o passado por meio de outras lentes, acompanhada de autores, reflexões que nos faz perceber que tudo valeu apenas.

## 4 CONCLUSÃO

A escrita deste memorial permitiu-me contar e registrar minha própria história, para assim, preservá-la do esquecimento. Posso dizer que este trabalho serviu como um suporte para permanecer viva as expressões que escrevi no contexto de linhas e laudas, momentos que me fizeram chorar, contagiando-me a mente ao trazer as lembranças do passado, recordando com saudades os momentos tristes e alegres.

Escrever este memorial, não foi tarefa fácil e sim algo que me levou a refletir e a dialogar com os autores trazendo para a leitura teórica Joel Candau, um vasto conhecimento e definições com os conceitos sobre memória. Assim como Bragança enfatizando as Histórias de vida e por fim Antônio Novoa na argumentação a respeito da formação de professores.

Os textos refletidos pelos autores acima trouxeram questionamentos que, serviram como base de sustentação e argumentação tanto na leitura como na escrita. E que durante estes quatro anos de formação do curso de Licenciatura em Pedagogia, todos os teóricos e estudiosos me apresentaram através de suas ideias, novas habilidades na prática de ensino, compreender o mundo que estou vivendo, a sociedade como um todo, a escola que estou inserida, e o aluno que estou formando.

Neste sentido, me sinto feliz de estar concluindo esta formação Pública Superior em meu município, é um dos sonhos que através da Pedagogia estou realizando. Pretendo futuramente participar de uma especialização, onde esta possa dar-me respaldo para desenvolver projetos que estejam vinculados a uma gestão escolar na qual estou inserida.

Abro aqui, espaço para tecer comentários relacionado a minha trajetória de vida acadêmica. A princípio enfrentei muitos desafios ao cursar pedagogia, pois a saúde e a família foram fatores que me deixaram pensativa e sem rumo, e muitas vezes pensei em desistir por chegar atrasada nas disciplinas, sem pensar que o nervosismo de certa forma significou momentos negativos nas apresentações de seminário, esse obstáculo aos poucos fui superando, na medida em que me encontrava ao conhecimento de práticas vivenciadas no cotidiano escolar.

Portanto, a função de ser professora foi motivo de luta e perseverança em mostrar a sociedade, que seria capaz de exercer esta função que hoje exerço, com amor diante de uma prática aplicada com fundamentação teórica. Visto que, antes não usufruía desse conhecimento. Hoje, reconheço o quanto poderia ter feito pela educação tendo uma formação.

Vale ressaltar, que a formação de uma trajetória de vida, veio somar este aprendizado em sala de aula, transformando-se em práticas inovadoras, precisamos fazer esta diferença

acontecer de fato, para que a educação, cada dia passe ter qualidade principalmente do ensino infantil ao quinto ano.

Considero que a Licenciatura em Pedagogia é uma conquista para mim e que certamente fará a diferença na escola que estou atuando, na prática educativa, na formação de alunos críticos conscientes de seus direitos e deveres.

Enfim, espero que este memorial sirva como escolha de tema para as escolas como fonte de pesquisa em desfiles escolares, resgatando as narrativas de Histórias de vida no passado.

Que seja um convite a leitura, um resgate a compreensão no presente aos futuros leitores. Que sirva como base de registros de escrita das memórias que contribuíram pela educação escolar.

## REFERÊNCIA

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002, n° 19.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** Tradução: Maria Letícia Ferreiro. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1990.

MIGNOT, Ana Chaystina Venancio. **Em busca do tempo vivido: autobiografias de professoras.** In: **Práticas de Memória Docente.** São Paulo: Cortez, 2003.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente.** Lisboa, Dom Quixote, 1992, ISBN: 972-20-1008-5.

NÓVOA, António. **Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas.** Educação e Pesquisa, São Paulo, V. 25, n. 1, p. 11-20, Jan./Jun. 1999.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Memorial.** In: Metodologia do trabalho científico. 20a Ed. São Paulo, Cortez, 1997. Disponível em:  
< [http://educacao.uniso.br/pseletivo/downloads/MEMORIAL\\_Doutorado.pdf](http://educacao.uniso.br/pseletivo/downloads/MEMORIAL_Doutorado.pdf) > Acesso em: agosto. 2019.